

Língua portuguesa e sedução: do binômio possível nos textos de literatura infanto-juvenil

Maria Teresa Gonçalves Pereira*

*O meu texto surge, algumas vezes a partir
de uma palavra que, ao me encantar,
também me dirige.[...] Por isso digo sempre:
é a palavra que me escreve.
(Bartolomeu Campos Queirós
em Diário de Classe)*

Resumo: A linguagem dos livros de Literatura Infanto-Juvenil deve ser estuante de vida, ou seja, inovadora, instigante, envolvente, não deixando de atender à correção e adequação lingüísticas, importantes à faixa etária a que se destina, usando, sem medo, preconceito ou limitações todo o potencial lingüístico da Língua Portuguesa considerada na sua plenitude. Ao leitor cabe vivenciar a língua materna, estabelecendo com ela imediata empatia. Tal procedimento o levará a um produtivo jogo verbal em que a palavra — razão de ser e objetivo principal — será trabalhada em suas múltiplas possibilidades fônicas, morfosintáticas e léxico-semânticas para a concretização do produto final que é o texto.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Leitura, Expressividade

Abstract: Language in children and adolescent literature books must be full of life, that is, innovating, instigating and impressing. It must also be linguistically correct and adequate, as this is important to the age under consideration. All potencial of the Portuguese language, taken thoroughly, must be used without fear, prejudice or limitations. It is the reader's role to experience his/her mother language, establishing with it an immediate empathy. This will lead him/her to a verbal game in which the word — *raison d'être* and main aim — will

* Professora de Língua Portuguesa da Universidade Estadual Rio Janeiro-UERJ.

be dealt in its phonic, morphosyntactic, lexical and semantical possibilities to the concretization of the text as a final product.

Key words: Portuguese Language, reading, expressivity.

Os ortodoxos certamente acreditam que a linguagem de se escrever para crianças e jovens deveria ser calcada em modelos tradicionais, com registro culto, ou, no mínimo, coloquial muito cuidado com concordâncias, regências efetivamente respeitadas e vocabulário rico e variado. O objetivo desse perfil lingüístico seria o de também proporcionar aos leitores condições de aprimoramento da Língua Portuguesa.

Não nos incluímos nessa categoria, razão pela qual temos algumas idéias diferentes sobre como pode(m) ser verdadeiramente interessante(s) a(s) linguagem(ns) usadas nos livros infanto-juvenis. Desenvolveremos nosso pensamento ilustrando com passagens de obras que, sem dúvida, comprovam tal ponto-de-vista.

Quando se pensa em Literatura Infanto-Juvenil, se pensa fundamentalmente na história do livro, no seu conteúdo, quase sempre deixando em segundo plano a linguagem.

Não nos esqueçamos, porém, da relação intrínseca em que vivem história e linguagem num texto, destinado a qualquer tipo de público, motivo suficiente para que devessem estar no mesmo nível.

São duas faces da mesma moeda, como já dizia Saussure em relação ao signo lingüístico: o significante e o significado.

Pensando no livro, podemos fazer um paralelo: o conteúdo/significado tem como expressão/significante, a linguagem. Ela é a forma de que o autor se utiliza para tornar pública, entendida e apreciada (ou não) sua história.

Assim, é lícito supor que a linguagem torna-se fundamental na análise crítica do que seria um livro recomendado para a criança e o jovem.

Recuando na história, observamos que inicialmente havia as traduções baseadas numa língua bastante convencional, culta, para que as crianças se mirassem em modelos lingüísticos tradicionalmente aceitos, passando, então, a copiá-los na modalidade escrita e, sempre que possível, na oral. Até os próprios autores nacionais da época demonstravam a mesma preocupação em seus textos.

Monteiro Lobato provocou uma verdadeira revolução na literatura infantil não só em termos de conteúdo - pela sua intensa brasilidade -

como pela linguagem original e criativa, eminentemente coloquial, repleta de gírias, brasileirismos, construções compactadas, com particular ênfase nos neologismos, muitos dos quais antológicos. Isto, é bom lembrar, em 1921, por ocasião do lançamento de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, depois *Reinações de Narizinho*.

E, em nossos dias, como deveria ser essa linguagem "ideal"?

Para combinar com todas as tendências em se tratando de conteúdos na Literatura Infanto-Juvenil contemporânea, só vemos uma caminho: que a linguagem seja inovadora, reflexo do seu tempo, totalmente divorciada dos inhos que menosprezam a inteligência da criança e do purismo exacerbado que revela uma realidade distorcida.

Pensamos que o autor de talento, ou porque conhece a fundo o sistema lingüístico ou porque se apoia em sua sensibilidade e intuição ou ainda pela soma de ambos, deveria expressar-se através de todos os meios que a língua oferece, sejam eles fônicos, como onomatopéias, aliteraões, estruturas sonoras motivadas; morfo-lexicais, como formação de palavras; léxico-semânticos, como polissemia, decodificaões, caracterizaões; sintáticos, como feição estilística da frase, antíteses, estrutura do período, numa harmonia bem trabalhada para gerar expressividade, nada artificial ou gratuito.

Somos adeptos de uma mistura saudável de recursos, trazendo "oxigenação" à Língua Portuguesa. Longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, a manipulação lingüística exercida com genialidade e conhecimento lhe dará feição nova, ressaltando seu potencial expressivo. Desse modo, são bem-vindos os neologismos (morfológicos e semânticos), as gírias (e consequentemente o palavrão ou a palavra não tão nobre bem aplicados), os brasileirismos oportunos e insubstituíveis, as construções abreviadas e frases curtas fazendo "pendant" com construções elaboradas, vocábulos até eruditos, períodos bem formados numa conjugação equilibrada artesanalmente cujo objetivo seria encaixar, como num grande quebra-cabeça, fenômenos lingüísticos aparentemente tão diversos.

Muitas pessoas ainda não se deram conta - por preconceito ou ignorância - que a Literatura Infanto-Juvenil Brasileira não é um gênero menor, vazio de conteúdo e expressão, destinado ao passatempo inconsequente de crianças e jovens. Trata-se de uma literatura com objetivos, funções e temáticas próprias no panorama cultural brasileiro contemporâneo, formando indivíduos críticos e atuantes - cidadãos.

A linguagem de se escrever para crianças e jovens é, na verdade, a chave que definitivamente lhes abrirá as portas de um mundo novo, desconhecido, mas cheio de perspectivas fantásticas. Caso tal código não seja adequadamente escolhido, as intenções se perderão pelos caminhos.

Direcionamos nosso foco para a linguagem, mas não nos julgamos capazes de falar de expressão ignorando o conteúdo. Como tratar de linguagem, omitindo o que lhe serviu de motivação? Destacar a Língua Portuguesa na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira é, antes de mais nada, ratificar que, para uma tal Literatura, se torna necessário um código eficiente, mas renovador e instigante que lhe dê vida, fazendo-a existir.

Por meio da linguagem a literatura se concretiza. A palavra é o instrumento *de que se utiliza o escritor para transmitir seu pensamento, por isso*, manipulá-la criativamente, mas com clareza e eficiência é o desafio proposto. A língua somente cumpre sua função se atinge um grande número de indivíduos que apreendem sem ambigüidades as mensagens por ela concatenadas, revelando-se perfeito instrumento de comunicação. Entendemos que hermetismo não traduz qualidade nem consistência. Além desse objetivo prioritário - funcional - também poderá tornar-se expressiva, com finalidade estética, proporcionando as mais agradáveis e genuínas sensações aos que a escutam, escrevem ou lêem.

Tratando-se da criança, cremos que a boa literatura tem de acompanhar seu crescimento. Ao dominar a palavra escrita, irá acostumando-se com ela, explorando-lhe as possibilidades, desvendando os seus mistérios, tendo prazer no seu convívio.

A manipulação lingüística adequada dos que instrumentam o Corpus da Literatura Infantil como criadores do material a ser utilizado determina toda a incorporação do texto ao *modus vivendi* do leitor.

Qualquer erro de avaliação pode-se transformar em desastre, o que acontece com grande parte da produção destinada ao público infanto-juvenil: ou há subestimação do destinatário (o leitor), dando material envolto numa linguagem pueril ou há superestimação através de um falso aparato retórico.

Ambas têm resultados negativos, afastando o público ao invés de cativá-lo.

A linguagem se produz de modo integral quando intervêm as estruturas fonológica, morfossintática e semântica, ocorrendo, tanto na crian-

ça quanto no adulto. A diferença prende-se aos modelos que se geram, não sendo, como muitos pensam, um inferior ao outro, mas diferentes.

As crianças e jovens devem ser atraídos pela linguagem no que esta possa apresentar de lúdico ou poético através do trocadilho inteligente, da paródia, do *nonsense*, dos fenômenos da polissemia e da homonímia, (re) discutindo o provisório da significação e conhecendo alternativas de usar a Língua Portuguesa de forma plena, sem peias nem limitações a normas que reduzem e simplificam o fazer lingüístico.

A criatividade buscada na linguagem das obras de Literatura Infanto-Juvenil encontra-se na maneira de trabalhar, combinar e (re)aproveitar a imensa gama de recursos lingüísticos da língua materna, sendo criado, pelo escritor, um sistema eficiente, mas, sobretudo, instigante e original. As combinações lingüísticas engendradas pelo autor resultam em marcas próprias que alcançam efeitos surpreendentes com fatos da língua simples e comuns mas operacionalizados com mestria.

A palavra, considerada em diferentes níveis: fônico, mórfico, sintático e semântico numa abordagem lingüística plena, será devidamente apreciada, mesmo que inconscientemente, porque possibilitará momentos de divertimento, aliados à sensibilidade. O texto, com tal tratamento, sem dúvida "pegará pelo pé" o leitor mais resistente, envolvendo-o e conquistando-o definitivamente para a nobre causa de manter viva a Língua Portuguesa nos seus variados desdobramentos e alternativas, sem teorias ou conceitos, apenas por meio de leitura atraente, passando, de maneira subliminar, um conhecimento que, às vezes, não é internalizado na escola.

Acreditamos que o discurso apresentado nos textos para crianças e jovens fundamentalmente deve ter reconhecida qualidade (literária), assentado sobre as bases tradicionais da língua, revitalizado por enfoque lingüístico inovador, antenado a um mundo em permanente mudança.

Os autores que se encaixam nesse perfil são verdadeiros artífices da palavra, trabalhando-a artesanalmente, garimpando, na infinita gama de possibilidades lingüísticas, aquelas que vão instaurar o toque mágico que abrirá corações e mentes. Falta com a palavra quem assevera que crianças e jovens não se interessam por uma boa "escritura", acostumados que estão ao discurso fácil, vazio e redundante. Não gostam é da retórica empolada e hermética, num fundo recheado de regras que nada lhes dizem.

Esses autores apresentam domínio das estruturas de seu idioma, revelando escolhas expressivas o bastante para que encantem e "aliciem"

com elegância e sutileza, sem perder de vista jamais a simplicidade, a clareza e a objetividade. Buscam uma renovação constante, dinamizando a língua, explorando-lhe ao máximo as potencialidades, as suas diversas realizações, no nível gramatical e das idéias, não se prendendo ao convencional, apenas reavaliando-o, reaproveitando-o ou, a partir dele, apresentando novas propostas.

A crítica parece inevitável: ou as pessoas se posicionam a favor de uma língua culta que sirva de modelo ao "falar e escrever bem" ou são de opinião de que se acompanhem os novos tempos, deixando livres as crianças e jovens para escolherem o caminho que melhor lhes aprouverem em relação à língua materna.

Pensamos que o registro dos textos em questão deve ser do tipo "coloquial elaborado", o tom da conversa natural e relaxada, mas capaz de altos vãos de inventiva idiomática. O autor/escritor que tenha lastro optará pelo tratamento adequado nesta ou naquela situação, equilibrando harmoniosamente os fenômenos lingüísticos que a língua lhe oferece. Sua intuição lingüística e natural pendor artístico dirigirão o texto para a (re)criação lingüística adorável, para um maior rigor gramatical, ambas as tendências ou ainda qualquer outra solução. A dose certa, o "*know how*" é da competência de quem escreve.

Tal elaboração mencionada não se concretiza por meio de idéias mirabolantes, vocabulário erudito ou construções preciosas; consegue-se quando o texto é produzido com gênio peculiar, embasado numa postura lingüística que lhe permita buscar expressões próprias com noção exata dos seus limites.

Torna-se irrelevante a intencionalidade. O fato inquestionável é que pertence à consciência lingüística do escritor. Através de um prisma particular, utiliza-se das regras, das normas nas quais a língua repousa, criando, não no sentido de inovar por inovar, sacrificando, às vezes, uma estrutura equilibrada e eficiente. Regem-no o bom senso para revitalizar quando for possível - e necessário - posturas lingüísticas desgastadas, apoiando-se na qualidade literária do texto.

A gramática de uma língua concretiza-se funcional e esteticamente através de textos com tendências e tipos os mais diversos em se tratando de linguagem.

A qualidade e a excelência do material lingüístico não passa pelo critério só do popular, do erudito, do fácil, do difícil, do inovador ou do tradicional. Podemos - e devemos - ser vários em um.

Passagens marcantes de forma e de conteúdo nos foram deixadas pelo genial Lobato em seus textos. Os fiéis discípulos felizmente têm deixado marcas vigorosas na Literatura Infanto-Juvenil contemporânea.

Acreditamos que só através do exemplo conseguimos "convencer". Pretendemos fazê-lo, mostrando fragmentos de obras que nos parecem perfeitas para confirmar nossas idéias.

Voltando ao mestre precursor, Lobato encanta tanto por meio do lirismo manifestado por variadas formas de intensificação quanto pelo ludismo verbal. Ambos os processos, porém, impregnados do jeito "brasileiro" de escrever e de falar.

"Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos - os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furtiva-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços - todos, todos!..."

Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor-do-mar como se nadassem nágua. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tontura da menina apertou e ela pôs-se a chorar."

(Reinações de Narizinho)

" Também você Brutos!- e caiu atravessado pelos punhais assassinos.

Nesse ponto Emília deu uma piadinha. 'Acho que a morte de César foi uma brutalidade'..."

(Os Doze Trabalhos de Hércules)

Sylvia Orthof palmilha com graça, leveza e consistência o caminho da neologia, estabelecendo intensa cumplicidade com o leitor.

*"Uma fada enfadada
nunca deve esticar o dedo
quando segurar uma xícara
de café ou chá;
é terrível falta de chiqueza!
Não fica bem pra fada
ou pra qualquer princesa!
Se ninguém estiver olhando,
é possível lamber a cobertura
da torta, da sobremesa,
antes de levar o prato
à mesa... e servir à francesa!"
(Manual de Boas Maneiras das Fadas)*

Com absoluto domínio da linguagem, Lygia Bojunga Nunes confere à sua narrativa um irrestrito tom coloquial, aproveitando todas as oportunidades de desdobramentos lingüísticos peculiares quanto à pontuação, morfossintaxe e seleção vocabular.

*"- Assim mesmo o quê?
- Assim: não resolvida, feito você diz, descosturada, mal acabada, tanto pedaço de mim rasgado (sabia que você me rasgou demais?). Você sonhou pra mim uma vida toda bem feita, só que a sua idéia não deu certo e eu fiquei desse jeito. Mas por que que você precisa rasgar o que eu fiquei? Por que que você não pode me contar pros outros assim? desacetada, inacabada, esperando a luz que, um dia, vai se acender (ou não) em tudo que é pedaço que eu tenho de escuridão? puxa vida! Eu nasci pra viver num livro! livre! (você sabe tão bem quanto eu que não tem nada mais livre que um livro), já chega o tempo que eu fiquei numa gaveta, já chega o tempo que eu fiquei na tua cabeça: tudo tão fechado, tão cheio de complicação. Eu quero ir lá pra fora!!
E hoje ela foi."
(Fazendo Ana Paz)*

Ruth Rocha, dentre outras características, trabalha o texto com possibilidades de questionamentos quanto ao léxico, chamando atenção do leitor para o fascinante mundo da significação das palavras e sua arbitrariedade.

"- Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?

- Lembra, sim, mas... e bolo?

- Bolo também é redondo, não é?

- Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado...

O pai de Marcelo ficou atrapalhado.

E Marcelo continuou pensando:

Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é mulher do bolo? E bule? E belo? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim."

(Marcelo, Marmelo, Martelo)

As possibilidades eufônicas dos vocábulos, tão esquecidas e pouco valorizadas, encontram nas poesias de Cecília Meireles campo fértil para genuíno deleite auditivo.

"Pregão do vendedor de lima"

*"Lima rima
pela rama
lima rima
pelo aroma.*

*O rumo é que leva o remo.
o remo é que leva a rima.*

*O ramo é que leva o aroma
porém o aroma é da lima.*

*É da lima o aroma
a aromar?*

*É da lima-lima
lima da limeira
do ouro da lima
o aroma de ouro
do ar!"*

(Ou isto ou aquilo)

Os contos de fadas tradicionais são atualizados por Marina Colasanti ao fazer sua (re)leitura com linguagem contemporânea, utilizando estruturação sintática fragmentada e pontuação pouco convencional.

"E riram.

Riram por algum tempo depois. Era diferente brincar com tantas amigas. Agora podia escolher. Um dia escolheu uma, e logo se cansou. No dia seguinte preferiu outra, e esqueceu dela em seguida. Depois outra e mais outra, até achar que todas eram poucas. Então pegou uma, jogou contra a parede e fez duas. Cansou das duas, pisou com o sapato e fez quatro. Não achou mais graça nas quatro, quebrou com martelo e fez oito. Irritou-se com as oito, partiu com uma pedra e fez doze. Mas duas eram menores do que uma, quatro menores do que duas, oito menores do que quatro, doze menores do que oito. Menores, cada vez menores.

Tão menores que não cabiam mais em si, pedaços de amigas com as quais não se podia brincar. Um olho, um sorriso, um lado de nariz. Depois, nem isso, pó brilhante de amigas espalhado pelo chão.

Sozinha outra vez a filha do rei.

Chorava? Nem sei.

Não queria saber das bonecas, não queria saber dos brinquedos. Saiu do palácio e foi correr no jardim para cansar a tristeza. Correu, correu, e a tristeza continuava com ela. Correu pelo bosque, correu pelo prado. Parou à beira do lago.

No reflexo da água a amiga esperava por ela.

Mas a princesa não queria mais uma única amiga, queria tantas, queria todas, aquelas que tinha tido e as novas que encontraria. Soprou na água. A amiga encrespou-se mas continuou sendo uma. Atirou-lhe uma pedra. A amiga abriu-se em círculos, mas continuou sendo uma.

Então a linda filha do rei atirou-se na água de braços abertos, estilhaçando o espelho em tantos cacos, tantas amigas que foram afundando com ela, sumindo nas pequenas ondas com que o lago arrumava sua superfície."

(Uma Idéia Toda Azul)

Ana Maria Machado usa o coloquial em construções, vocábulos, imagens inusitadas, descrições precisas com diferentes maneiras de caracterizar.

"A partir desse dia, passei a ter longas conversas com Bisa Bia. Geralmente quando nós estávamos sozinhas. Ela me contava uma porção de coisas do tempo dela, ensinava coisas, falava de lembranças, dava conselhos - o que ela gosta de dar conselhos não dá nem para imaginar. Alguns conselhos são ótimos. Por exemplo, enfeitar meus cadernos com figuras coloridas (que ela chama de cromos). Acabamos descobrindo uns numa papelaria, que são mesmo umas graças. Fiquei com mania de cromos. Tenho cromo de anjinho, de bicho, de criança, de coração, de palhaço, de passarinho, de borboleta, de flores, uma porção. E não colo só nos cadernos, não. Saio colando em todo canto.

Ponho em vidros, em caixinhas, nas gavetas, enfeito minha pasta de colégio com eles e a ainda guardo um monte em coleção. Qualquer dia desses até peço a Dona Sônia para ver a tal coleção de retratos antigos que ela tem e mostro a minha de cromos. Aposto que a minha é mais bonita. E foi tudo idéia de Bisa Bia, eu nem conhecia esses cromos. Aliás, quando eu falei a ela da coleção de fotos de Dona Sônia, ela contou que, quando era moça, uma vez apareceu uma mania de colecionar cartões postais, toda família tinha esses cartões, arrumados de um jeito especial para mostrar às visitas em cima dos móveis, numa espécie de vitrine própria. E tinham coleções de leques, de enfeites, de muitas coisas. Fico pensando e acho que devia ser uma gracinha.

Queria ver uma dessas coleções, mas acho que só em um museu, e, mesmo assim, deve ser difícil..."

(Bisa Bia, Bisa Bel)

Dois monstros sagrados da literatura - Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana - artífices da palavra, possibilitam às crianças e aos jovens conhecê-los através de poesias com o recurso da metalinguagem, tratando da palavra e dos problemas da gramática e da linguagem.

"A palavra mágica"

*"Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.*

Como desencantá-la?

*É a senha da vida
a senha do mundo.*

Vou procurá-la.

*Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.*

*Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.*

*Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra."*

(A Palavra Mágica)

"De gramática e de linguagem"

"E havia uma gramática que dizia assim:

Substantivo (concreto) é tudo quanto indica

Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta.

Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...

*As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-
se em excesso.*

*As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com nin-
guém.*

*Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,
Ovo pode estar choco: é inquietante...)*

As cousas vivem metidas com as suas cousas.

E não exigem nada.

Apenas que não as tirem do lugar onde estão.

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.

Para quê? Não importa: João vem!

E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,

Amigo ou adverso... João só será definitivo

Quando esticar a canela. Morre, João...

Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,

*Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:
Basta provares o seu gosto..."*
(Nariz de Vidro)

Na obra de Bartolomeu Campos Queirós - prosa poética por excelência - a linguagem alegórica, com seleção primorosa do léxico, imagens concretas, mas expressivas e sintaxe simples, flui naturalmente.

*"Entrei para a escola já sabendo ler, mais ou menos. A primeira palavra soletrada, inteirinha, foi morfina. A dor de minha mãe aumentava e muito.
Dia e noite ela gemia ou cantava. Vivia entre o medo e a esperança. Vinham da Capital algumas ampolas.
Nas tardes marcadas, eu esperava a jardineira chegar na praça da estação, trazendo latas de filmes - seriado de Flash Gordon - e mais o alívio de minha mãe em caixinha de três.
Os vidros da jardineira, com rajadas de vômitos secos, misturavam-se com a poeira da estrada, formando uma crosta.
Os passageiros desciam mostrando a alegria da chegada, mas lamentando as distâncias, os olhos fundos de cansaço, com embrulhos e encomendas. As moças reparavam os viajantes. À noite, passeando em frente ao Grande Hotel, sonhavam casamentos e viagens.
Um dia, muito de repente, abri o embrulho. Olhei e li, lentamente, morfina.
Um pavor frio tomou conta de minha barriga inteira. Uma vontade de correr, sumir no mundo, de me confessar com o Padre Viegas, me agarrou. Pedir uma penitência de três ter-*

ços por ter ido longe demais, Ter invadido o mundo, sem a professora. A palavra morfina me levou a muitos lugares e a outros exílios."

(Ler, Escrever e Fazer Conta de Cabeça)

O crítico, ensaísta e poeta José Paulo Paes nos brinda com um texto incisivo, mas cheio de magia e beleza, revelando nuances do jogo verbal através de sons e formas que captam vividamente a palavra em transformação constante.

"Raridade"

*"A arara
é uma ave rara
pois o homem não pára
de ir ao mato caçá-la
para a pôr na sala
em cima de um poleiro
onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu
porque já não pode
voar pelo céu.
E se o homem não pára
de caçar a arara
hoje uma ave rara,
ou a arara some
ou então muda seu nome
para arrara."*

(Olha o Bicho)

No momento em que se lê com deleite, num exercício de pura fruição, conjugando-se a história ao modo de contá-la, consegue-se algo que talvez parecesse impossível: transformar a Língua Portuguesa - na percepção de tantos enfadonha, difícil e pouco digerível nas suas regras e limites - em instrumento de imenso prazer e enriquecimento interior.

A Literatura Infanto-Juvenil contemporânea contribui decisivamente com muitas obras que resgatam essa língua materna tão estigmatizada, mostrando-a em toda pujança e beleza.

Para as crianças e jovens que se iniciam nos caminhos da leitura e, por extensão, carecem de modelos concretos de manifestações linguísticas desejáveis, longe dos exemplos nada atraentes dos compêndios escolares e livros assemelhados, os autores mencionados- e outros que não relacionamos por falta de espaço - são de inestimável valia, proporcionando a visão plena da língua, sob enfoque funcional ou estético. Assim, vivenciam os fenômenos linguísticos, aprimorando o senso artístico e a reflexão crítica numa atitude harmoniosa que conduz ao perfil desejado do indivíduo-cidadão.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond. *A palavra mágica*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ/ Pontes, 1992.
- COLASANTI, Marina. *Uma idéia toda azul*. 12 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- CRESSOT, Marcel. *O estilo e as suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1947.
- MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: EDUSP/ São Paulo.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- NUNES, Lygia Bojunga. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- OLIVEIRA, Maria Lília Simões de. *A língua e o discurso da memória: a semântica da infância revisitada em Bartolomeu Campos Queirós*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ (Instituto de Letras), 1998.
- ORTHOF, Sylvia. *Manual de boas maneiras das fadas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- PAES, José Paulo. *Olha o bicho*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Processos expressivos na Literatura Infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC/ RJ, 1980.

- _____. *Recursos lingüístico-expressivos da obra infanto-juvenil de Ana Maria Machado*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ (Faculdade de Letras), 1990.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. Belo Horizonte: Miguilim, 1996.
- QUINTANA, Mário. *Nariz de vidro*. 9 ed. São Paulo: Moderna, 1984.
- ROCHA, Ruth. *Marcelo, marmelo, martelo*. 45 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1976.